

Editorial

O número da Revista *Pro-Posições* que ora apresentamos aos nossos leitores traz um dossiê sobre *Cultura Escolar e Cultura Material Escolar*, onde aparece o resultado de um trabalho feito em colaboração por pesquisadores brasileiros e portugueses, apoiados por investigadores espanhóis e argentinos. Revela o envolvimento crescente dos historiadores da educação com os instrumentos e suportes da história, no sentido de preservar a memória da escolarização. A aproximação dos historiadores em relação aos objetos capazes de guardar os traços do vivido significa o enriquecimento das abordagens em história da educação, tradicionalmente centradas no estudo da legislação, das reformas de ensino e da história do pensamento ou da filosofia de educação. É, ainda, o presente dossiê a expressão das práticas atuais de pesquisa realizadas, em grande medida, a partir do envolvimento e das trocas entre os pesquisadores de diferentes centros acadêmicos.

Falar de pesquisa sempre nos reporta a personagens singulares, e hoje queremos lembrar um brilhante artífice da pesquisa em nosso país: aquele que, de fora da universidade nascente, colocava em rota a sua curiosidade e o seu compromisso político com o conhecimento das expressões culturais do povo brasileiro. Refiro-me ao Mário de Andrade do *Turista Aprendiz*, do Departamento de Cultura de São Paulo, da Biblioteca Pública, da Discoteca Pública. Ele que, já nos anos 1920/1930, cuidava do registro da memória musical, das festas e das crenças populares em busca da construção da nossa identidade.

Fazemos, nesta revista, uma homenagem ao conhecido escritor, ao intelectual festejado, destacando a sua face menos conhecida: a de professor. Mário de Andrade tem seu nome ligado à educação, como professor de música no *Conservatório Dramático e Musical de São Paulo*, como o missivista-conselheiro de Oneyda Alvarenga e Fernando Sabino, entre outros jovens em início de carreira, e como responsável pela implementação dos Parques Infantis na cidade de São Paulo.

Em 1935, Fábio Prado, iniciando sua gestão como prefeito daquela cidade, tendo sido apoiado por alguns poetas e artistas da *Semana de Arte Moderna de 22*, convidou-os para participar de seu governo. Desse grupo de intelectuais,

cujos sonhos, entre outros, era criar o Departamento de Cultura na capital paulista e posteriormente em nível federal, fazia parte Mário de Andrade.

Um dos idealizadores do Departamento de Cultura paulistano, Mário de Andrade foi seu primeiro diretor. Dentre os projetos de urbanização da cidade, que faziam parte da política cultural daquela gestão, com a “burguesia ilustrada” no poder, muitos foram idealizados para a classe operária: atividades destinadas aos jovens (operários), no período noturno; criação de Parques Infantis para as crianças das famílias dos então bairros operários da Lapa, Ipiranga, Parque D. Pedro e Santo Amaro — uma experiência governamental de educação não escolar, com crianças de 3 a 6 anos, em tempo integral e com as maiores em tempo parcial, em alternância com o então Grupo Escolar. Ali conviviam crianças de várias idades, brincando, criando e recriando culturas. Tem destaque a originalidade desse espaço público de educação com base na cultura, se comparada não apenas às outras instituições para crianças pequenas das camadas populares da época como também a muitas pré-escolas existentes hoje em dia, onde o direito à infância costuma não ser respeitado.

Hoje comemoramos 70 anos da criação dos Parques Infantis, que deram origem à primeira rede pública municipal de educação pré-escolar do País, contribuindo para o conhecimento da criança brasileira e para a construção de uma pedagogia da educação infantil não centrada no professor, que não se expressa através de aulas, mas que promove o convívio com a diversidade cultural do País através da música, da dança, do desenho, da pintura, da poesia, etc. Nos parques não eram desenvolvidas disciplinas escolares, e nem as crianças ficavam restritas às salas do ambiente interno, em geral bastante reduzidas. As fotos e as plantas arquitetônicas revelam a predominância das atividades em contato com a natureza, lugar privilegiado, reservado ao brincar livre. Assim, celebramos o Mário de Andrade “trezentos, trezentos-e-cincoenta”: o educador pioneiro numa pedagogia das diferenças, tendo a arte como fundamento na formação de profissionais da educação pré-escolar.

Para reverenciar o Mário professor, escolhemos publicar em nossa seção *Diverso e Prosa* a sua *Oração de Paraninfo*, discurso proferido no momento em que as agruras de um cargo público lhe doem na pele, como se pode ver neste parágrafo:

Chamado a um posto oficial, embora não político, me vi de chofre desanuviado dos sonhos em que sempre me embalei. Sempre conservara a ilusão de que era um homem útil, apenas porque escrevia no meu canto, livros de luta em prol da arte, da renovação das artes e da nacionalização do Brasil. Mas depois que baixei ao purgatório dum posto de comando, depois que me debati na espessa goma da burocracia, depois que lutei contra a angustiada nuvem dos necessitados de emprego, depois

que passaram pelas minhas mãos dinheiros que não eram meus e de mim derivaram proveitos ou prejuízos, veio se avolumando em mim um como que desprezo pelo que fora dantes.

Aqui vemos o professor para além da sala de aula, aquele que se desculpa por não fazer um discurso comprometido em agradar formandos e familiares no dia da formatura. Ao contrário: sua oração é indignada diante da pobreza, não apenas física, mas especialmente moral e cultural, com a qual ele se depara ao assumir um cargo público. Ele percebe e denuncia a falta de compromisso da elite com a cultura, especialmente com a música. Mais do que isso: denuncia o uso das artes, tomadas como objetos de consumo e de vaidade, forma perversa de traição em relação à cultura.

Entretanto, o Mário de Andrade que começa falando aos formandos vai-se transformando, se expondo, como que confessando desconhecimentos e desatenções que praticamos todos, quando acreditamos cumprir com nosso compromisso diante da sociedade e da história e, no entanto, aceitamos conviver com uma sociedade injusta, sem nos depararmos com situações-limites, como aquela vivida então pelo poeta.

O desenrolar de sua oração expressa a transformação incontrolável do olhar, produzida pela experiência no poder. Sua fala revela a impotência e a solidão diante da enormidade do que é preciso fazer:

Não vou, senhores diplomandos, expor aos vossos olhares o panorama da minha existência atual. De resto, nem ela é feita apenas de tristezas. Há momentos de conquista, há triunfos admiráveis, alegrias dum fulgor sublime. Porém desapareceu aquele prazer de mim mesmo que eu tinha dantes. As alegrias, as soluções, os triunfos não satisfazem mais, porque não se dirigem às exigências do meu ser, que eu domino, nem dele se originam; antes, nascem da coletividade, a ela se dirigem, a esta coletividade monstruosa, insaciável, imperativa, que eu não domino por ser dela apenas uma parte menoríssima. Um copo de leite dado a uma criança subnutrida, implica a fome de outras; uma biblioteca nova ilumina o rastejo dos analfabetos; uma orquestra mantida supõe músicos sem emprego, um coral dado ao povo desafina ao som gago dos que nem sequer sabem ouvir.

*Agueda Bernardete Bittencourt**

Este editorial contou com a colaboração da Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria.